

# Alberto Caeiro – VIII – Num meio-dia de fim de primavera

Num meio-dia de fim de primavera  
Tive um sonho como uma fotografia.  
Vi Jesus Cristo descer à terra.  
Veio pela encosta de um monte  
Tornado outra vez menino,  
A correr e a rolar-se pela erva  
E a arrancar flores para as deitar fora  
E a rir de modo a ouvir-se de longe.

Tinha fugido do céu.  
Era nosso demais para fingir  
De segunda pessoa da Trindade.  
No céu era tudo falso, tudo em desacordo  
Com flores e árvores e pedras.  
No céu tinha que estar sempre sério  
E de vez em quando de se tornar outra vez homem  
E subir para a cruz, e estar sempre a morrer  
Com uma coroa toda à roda de espinhos  
E os pés espetados por um prego com cabeça,  
E até com um trapo à roda da cintura  
Como os pretos nas ilustrações.  
Nem sequer o deixavam ter pai e mãe  
Como as outras crianças.  
O seu pai era duas pessoas  
Um velho chamado José, que era carpinteiro,  
E que não era pai dele;  
E o outro pai era uma pomba estúpida,  
A única pomba feia do mundo  
Porque não era do mundo nem era pomba.  
E a sua mãe não tinha amado antes de o ter.  
Não era mulher: era uma mala  
Em que ele tinha vindo do céu.

E queriam que ele, que só nascera da mãe,  
E nunca tivera pai para amar com respeito,  
Pregasse a bondade e a justiça!

Um dia que Deus estava a dormir  
E o Espírito Santo andava a voar,  
Ele foi à caixa dos milagres e roubou três.  
Com o primeiro fez que ninguém soubesse que ele tinha fugido.

Com o segundo criou-se eternamente humano e menino.  
Com o terceiro criou um Cristo eternamente na cruz  
E deixou-o pregado na cruz que há no céu  
E serve de modelo às outras.

Depois fugiu para o sol  
E desceu pelo primeiro raio que apanhou.  
Hoje vive na minha aldeia comigo.  
É uma criança bonita de riso e natural.  
Limpa o nariz ao braço direito,  
Chapinha nas poças de água,  
Colhe as flores e gosta delas e esquece-as.  
Atira pedras aos burros,  
Rouba a fruta dos pomares  
E foge a chorar e a gritar dos cães.  
E, porque sabe que elas não gostam  
E que toda a gente acha graça,  
Corre atrás das raparigas pelas estradas  
Que vão em ranchos pela estradas  
com as bilhas às cabeças  
E levanta-lhes as saias.

A mim ensinou-me tudo.  
Ensinou-me a olhar para as cousas.  
Aponta-me todas as cousas que há nas flores.  
Mostra-me como as pedras são engraçadas  
Quando a gente as tem na mão  
E olha devagar para elas.

Diz-me muito mal de Deus.

Diz que ele é um velho estúpido e doente,  
Sempre a escarrar no chão  
E a dizer indecências.  
A Virgem Maria leva as tardes da eternidade a fazer meia.  
E o Espírito Santo coça-se com o bico  
E empoleira-se nas cadeiras e suja-as.  
Tudo no céu é estúpido como a Igreja Católica.  
Diz-me que Deus não percebe nada  
Das coisas que criou –  
“Se é que ele as criou, do que duvido” –  
“Ele diz, por exemplo, que os seres cantam a sua glória,  
Mas os seres não cantam nada.  
Se cantassem seriam cantores.  
Os seres existem e mais nada,  
E por isso se chamam seres.”  
E depois, cansados de dizer mal de Deus,  
O Menino Jesus adormece nos meus braços  
e eu levo-o ao colo para casa.

..... . .  
Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro.  
Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava.  
Ele é o humano que é natural,  
Ele é o divino que sorri e que brinca.  
E por isso é que eu sei com toda a certeza  
Que ele é o Menino Jesus verdadeiro.

E a criança tão humana que é divina  
É esta minha quotidiana vida de poeta,  
E é porque ele anda sempre comigo que eu sou poeta  
sempre,  
E que o meu mínimo olhar  
Me enche de sensação,  
E o mais pequeno som, seja do que for,  
Parece falar comigo.

A Criança Nova que habita onde vivo

Dá-me uma mão a mim  
E a outra a tudo que existe  
E assim vamos os três pelo caminho que houver,  
Saltando e cantando e rindo  
E gozando o nosso segredo comum  
Que é o de saber por toda a parte  
Que não há mistério no mundo  
E que tudo vale a pena.

A Criança Eterna acompanha-me sempre.  
A direção do meu olhar é o seu dedo apontando.  
O meu ouvido atento alegremente a todos os sons  
São as cócegas que ele me faz, brincando, nas orelhas.  
Damo-nos tão bem um com o outro  
Na companhia de tudo  
Que nunca pensamos um no outro,  
Mas vivemos juntos e dois  
Com um acordo íntimo  
Como a mão direita e a esquerda.

Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas  
No degrau da porta de casa,  
Graves como convém a um deus e a um poeta,  
E como se cada pedra  
Fosse todo um universo  
E fosse por isso um grande perigo para ela  
Deixá-la cair no chão.

Depois eu conto-lhe histórias das cousas só dos homens  
E ele sorri, porque tudo é incrível.  
Ri dos reis e dos que não são reis,  
E tem pena de ouvir falar das guerras,  
E dos comércios, e dos navios  
Que ficam fumo no ar dos altos-mares.  
Porque ele sabe que tudo isso falta àquela verdade  
Que uma flor tem ao florescer  
E que anda com a luz do sol  
A variar os montes e os vales,

E a fazer doer nos olhos os muros caiados.

Depois ele adormece e eu deito-o.  
Levo-o ao colo para dentro de casa  
E deito-o, despindo-o lentamente  
E como seguindo um ritual muito limpo  
E todo materno até ele estar nu.  
Ele dorme dentro da minha alma  
E às vezes acorda de noite  
E brinca com os meus sonhos.  
Vira uns de pernas para o ar,  
Põe uns em cima dos outros  
E bate as palmas sozinho  
Sorrindo para o meu sono.

.....

Quando eu morrer, filhinho,  
Seja eu a criança, o mais pequeno.  
Pega-me tu ao colo  
E leva-me para dentro da tua casa.  
Despe o meu ser cansado e humano  
E deita-me na tua cama.  
E conta-me histórias, caso eu acorde,  
Para eu tornar a adormecer.  
E dá-me sonhos teus para eu brincar  
Até que nasça qualquer dia  
Que tu sabes qual é.

.....

Esta é a história do meu Menino Jesus.  
Por que razão que se perceba  
Não há de ser ela mais verdadeira  
Que tudo quanto os filósofos pensam  
E tudo quanto as religiões ensinam?

**Alberto Caeiro, O Guardador de Rebanhos**